

IX

Uma brisa quente e húmida soprava de mansinho pela colina da Penha, acariciando as ruelas arborizadas que se inclinavam pelas encostas daquele recanto pacato da velha colónia portuguesa. Consciente de que chegava atrasado e amaldiçoando-se por ter ficado demasiado tempo no palácio a escutar as notícias na rádio de Hong Kong sobre o embargo que a América acabava de decretar à venda de petróleo e de metais ao Japão, Artur apressou o passo. Ia de fato de gala e acompanhado pelo capitão Tavares quando por fim franqueou o portão e se encaminhou para a entrada da vivenda colonial.

O anfitrião, o coronel Sawa, esperava-o no alpendre vestido com um *montsuki hakama*, o quimono negro que constituía o traje tradicional mais formal da cultura japonesa. Quando se imobilizou diante do chefe do Kempeitai para o Sul da província de Cantão, Artur estendeu-lhe a mão, mas o coronel Sawa ignorou-a e curvou-se numa vénia.

“*Hajimemashite!*”, saudou com formalidade, mudando logo a seguir para inglês. “Bem-vindo à minha humilde casa.”

Vendo que o japonês não lhe ia apertar a mão, e sem perceber se o fazia por desconhecimento do costume ocidental ou

por descortesia intencional, o governador português adaptou-se à situação e devolveu a vénia.

“O prazer é todo meu, senhor coronel”, disse, também em inglês. “Agradeço o gentil convite para a inauguração da sua casa aqui em Macau e devo dizer que fico muito contente por contar com tão distinto convidado na nossa colónia. Espero que seja feliz em Macau e faço votos para que a sua presença facilite a comunicação entre nós e permita superar quaisquer mal-entendidos que possam inadvertidamente surgir.”

Os lábios do chefe do Kempeitai curvaram-se num sorriso levemente trocista.

“A comunicação fica sempre facilitada quando um lado tem a força e o outro não, não lhe parece?”, retorquiu com um toque de insolência. Fez um sinal a indicar o interior da casa. “Faça o favor de entrar.”

Havia alguma tensão na maneira como o anfitrião o acolhera e estas últimas palavras deixaram Artur apreensivo. O tom provocador do militar japonês, com a despropositada e desnecessária referência à força do Japão e à fraqueza de Portugal, pareceu-lhe não augurar nada de bom. Por outro lado, considerou, poderia dar-se o caso de o bloqueio que a América acabara de decretar à venda de petróleo ao Japão estar a influenciar negativamente o estado de espírito dos militares nipónicos.

A receção na nova casa do coronel Sawa deveria ser um acontecimento festivo, até porque as autoridades portuguesas tudo haviam feito para facilitar as coisas, mas as notícias relativas à escalada da tensão internacional pareciam contaminar o ambiente. Apesar disso, um grupo de oficiais japoneses, incluindo dois de farda, enchia o salão da vivenda com gargalhadas e um burburinho de conversa. Ao ver o visitante entrar, os militares calaram-se e puseram-se em sentido, fazendo uma curta vénia, à qual Artur respondeu com outra semelhante. O coronel Sawa apresentou-os um a um e a seguir mandou que servissem os acepipes. Vários empregados vestidos de farda branca, evidentemente soldados japoneses destacados para aquele serviço, apareceram com bandejas repletas de iguarias. Algumas eram pratos

chineses já familiares ao governador, outras delícias japonesas que nunca provara.

O anfitrião apontou para um acepipe frito e estaladiço com aspeto vagamente familiar.

“Experimente este.”

Sentindo todos os olhos pousados nele, Artur pegou na peça amarela e trincou-a, sentindo-a estalar entre os dentes.

“Hmm... nada mau.”

“Não lhe parece familiar?”

O português analisou o acepipe.

“De facto”, anuiu. Fitou interrogativamente o seu interlocutor. “O que é?”

“*Kakiage*, uma espécie de *tempura*. Trata-se de um prato que os portugueses deixaram no Japão.”

Artur voltou a observar a iguaria.

“Pois é”, reconheceu. “Chamamos-lhe *peixinhos da horta*.”

“*Peishi no dota?*”

O desajeitado sotaque japonês fez o governador sorrir.

“É isso mesmo.”

Depois de levar o convidado a experimentar outras especialidades do seu país, incluindo ostras agridoces, *ebi-shinjyo* empanado, *sashimi* com gelatina de *yuzu* e *niguirizushi*, o chefe do Kempeitai ofereceu-lhe *saké* quente e arrastou-o para um canto discreto do salão, com o pretexto de lhe mostrar uma antiguidade de porcelana chinesa que adquirira em Pequim. Tratava-se de um vaso que, segundo ele, pertencera à dinastia Ming, peça valiosa como mais nenhuma na sua casa.

“À exceção das minhas meninas, claro.”

“O senhor trouxe a família?”, admirou-se o governador, sem perceber porque não o informara Lobo do facto. “Pensei que...”

“Não são as minhas filhas, que não tenho, mas as minhas concubinas”, corrigiu o coronel Sawa com um esgar fanfarrão. “Já as vai conhecer, pois daqui a pouco virão aqui alegrar a nossa festinha. Isso não o incomoda, espero.”

A referência às concubinas fez Artur corar. Nunca pensara que o oficial japonês viesse a reconhecer com tanta candura que vivia com concubinas e que até o provocasse com o assunto.

“Eu?”, atrapalhou-se o governante, vacilando tanto que algumas gotas do copo de *saké* que segurava entre os dedos caíram para o chão. “Ah, perdão.” Voltou a encarar o japonês. “Claro que não me incomoda. Terei muito prazer em conhecer as senhoras suas... quer dizer, suas... enfim, suas... uh... concubinas.”

Estavam longe dos restantes convivas e o anfitrião sentou-se num canapé ao lado do vaso.

“Excelente”, disse, fazendo um gesto para o espaço que deixara vazio no canapé. “*Doozo o-kake kudasai*. Por favor, sente-se. Esteja à vontade.”

O governador não se sentia à vontade. Constatara que ele e o capitão Tavares, que trocava umas palavras com alguns militares do Kempeitai, eram as únicas pessoas no salão que não tinham nacionalidade japonesa e sentia uma hostilidade latente e surda por detrás das palavras e do olhar do anfitrião, como se o japonês se considerasse ele próprio o verdadeiro governador de Macau e o encarasse como um usurpador. Havia que mostrar-lhe que não deveria confundir a cortesia portuguesa com submissão.

“Obrigado, mas prefiro ficar de pé.”

O coronel Sawa arqueou as sobrancelhas, surpreendido com a recusa.

“Sente-se, por favor”, insistiu o japonês, fazendo um novo gesto para o espaço vazio no canapé. “Temos uma coisa importante para discutir.”

“Já lhe disse que não me apetece sentar-me”, devolveu Artur com firmeza. “Mas, se quiser mesmo conversar, podemos dar uma volta pelo seu jardim”, concedeu, abrindo uma via para salvar a face do anfitrião. “Ouvi dizer que há por aqui um poiso com uma belíssima vista sobre a baía da Praia Grande. Gostaria de ver isso.”

O homem do Kempeitai hesitou. Não estava habituado a ser contrariado e teve vontade de iniciar um braço-de-ferro com o convidado e forçá-lo a ceder, mas conteve-se. Não lhe pareceu provável que o governador recuasse, sobretudo depois da recusa explícita, e não valia a pena precipitar um confronto tão cedo. A seu tempo as coisas aconteceriam, isso parecia-lhe inevitável. Mas não nesse momento.

“Muito bem”, concordou, levantando-se. “Vamos então apreciar essa vista.”

Ainda com os copos de *saké* nas mãos, contornaram a vivenda pelo espaço verde que a cercava. Havia alguns japoneses à paisana a fazer a segurança para lá do muro, no passeio fronteiro à casa, mas dentro do perímetro do jardim encontravam-se sozinhos. Artur ainda pensou em esperar que o japonês começasse a conversa, mas achou que uma atitude excessivamente passiva da sua parte poderia enviar o sinal errado, pelo que tomou a iniciativa de provocar a discussão.

“Então o que me quer dizer?”

O coronel Sawa completou uns passos meditativos, avaliando a melhor forma de abordar o assunto.

“O senhor governador não ignora o comportamento ultrajante que os americanos acabaram de assumir contra sua majestade imperial e a sagrada nação do Japão, presumo.”

“Está a referir-se ao embargo americano?”

Os dentes do oficial japonês quase rangeram ao escutar estas duas últimas palavras.

“É uma ignomínia!”, rosnou, começando por falar em voz baixa mas intensificando o tom a cada palavra. “Um golpe baixo! Uma sujeira da pior espécie! Aqueles vermes arrependem-se da miserável afronta que acabaram de nos fazer! Quem pensa aquela gente que é para humilhar assim a grande nação *yamato*? Acham mesmo as nações capitalistas que podem vergar os desígnios revolucionários das nações proletárias asiáticas?”

O chefe do Kempeitai ficou quase ofegante, o rosto enrubescido, os olhos em fúria. Não pareceu a Artur o momento mais adequado para o contrariar.

“O embargo criou realmente um problema”, assentiu o governador, de resto nada surpreendido com a evolução dos acontecimentos. “Imagino que esta decisão tenha graves consequências para o Japão.”

“É um desastre!”, reconheceu o coronel Sawa, esforçando-se por se manter calmo. “Mais de setenta por cento do ferro e noventa

por cento do cobre de que o meu país precisa vem dos Estados Unidos. Sem esses metais, como vai a nossa indústria aguentar-se? E com os combustíveis é ainda pior. É certo que dispomos de reservas para mais uns dois anos, sobretudo com racionamentos. Mas não temos quaisquer ilusões. A menos que encontremos depressa novas fontes de abastecimento, estamos metidos num sarilho sério. Muito sério mesmo. Ainda por cima aqueles cães cortaram-nos a navegação pelo Canal do Panamá.”

“Oíça, não faria mais sentido vocês chegarem a um acordo com os Estados Unidos?”

“Não vê o que as nações capitalistas querem?”, explodiu o japonês, elevando a voz de novo. “Teríamos de sair da Indochina e da China e do Manchukoku e... sei lá. São essas as condições. Uma tal coisa é impossível! Impossível! Seria uma humilhação intolerável! A derrota do socialismo asiático. O Ocidente capitalista quer escarrar na nossa cara. Desdenha de nós porque não somos brancos, somos asiáticos. Chamam-nos amarelos, acham-nos sub-humanos e não nos aceitam! A nós, um povo de origem divina guiado pelo filho do Céu!” Brandiu o punho no ar, como se tivesse o presidente Roosevelt diante dele. “*Oya!* Isto não vai ficar assim. Não vai não! *Yare yare!*”

“Vocês não têm alternativa”, observou Artur, expondo o que lhe parecia uma evidência. “O que podem fazer?”

“Há sempre uma alternativa!”

“Qual? O único petróleo existente nas proximidades é o das Índias Orientais Holandesas. O que querem vocês fazer? Vão invadir as Índias Orientais Holandesas para irem lá buscar o petróleo?”

Fez a pergunta para expor o absurdo da proposição, mas o súbito silêncio do interlocutor, que emudeceu como se tivesse sido apanhado em flagrante, deixou-o chocado.

“Isso é um assunto para ver a seu tempo”, limitou-se o japonês a dizer, esforçando-se por encobrir a sua primeira reação à ideia. “Para já pretendemos explorar as alternativas.”

“Meu Deus!”, exclamou o governador português, ainda mal refeito do espanto e mirando-o, atónito. “Vocês estão mesmo a pensar em invadir as Índias Orientais Holandesas!”

“Já lhe disse que pretendemos explorar as alternativas.”

“O que pensam vocês que os americanos farão se o Japão invadir as Índias Orientais Holandesas para furar o embargo petrolífero?”, perguntou, ignorando o desconforto do homem do Kempeitai com o assunto. “Entrarão em guerra convosco! Não sabe que os americanos começaram a posicionar a sua esquadra do Pacífico no Havai? Porque pensa que o fizeram? Para ficarem mais perto da Ásia e para vos mostrar que intervirão se acharem que o Japão foi longe de mais. E invadir as Índias Orientais Holandesas para furar o embargo petrolífero americano é, creio eu, ir longe de mais. O presidente Roosevelt não se vai deixar ficar porque uma coisa dessas constitui um desafio direto à sua autoridade.”

O coronel Sawa manteve-se mudo por alguns momentos. Chegaram a um banco na borda do jardim e a paisagem abriu-se para a baía da Praia Grande, as águas sulcadas pelas sampanas e pelos juncos de velas abertas ao vento como borboletas gigantes, o brilho de sol a refletir-se em mil pirilampos que estrelejavam na crista da ondulação suave. Era a vista esplendorosa que o jardim da vivenda tinha para oferecer, mas Artur ignorou-a, tão preocupado estava com as ramificações do que percebia ser o raciocínio dos japoneses.

“As decisões que tiverem de ser tomadas sê-lo-ão a seu tempo e no lugar próprio”, disse o chefe do Kempeitai num registo frio. “A sagrada nação do Japão não se deixará humilhar e sua majestade imperial saberá o que fazer para posicionar o nosso país no lugar cimeiro que pela ordem natural das coisas é o seu, o de guia da esfera socialista na Ásia. Cada japonês cumprirá o seu dever com honra e devoção ao imperador, pois não há maior serviço que o de servir o Japão e sua majestade imperial, e o meu dever será cumprido aqui em Macau. Era para isso que queria solicitar os seus bons serviços, senhor governador.”

As palavras do coronel Sawa fizeram Artur franzir as sobrançelas. Que serviços poderia ele prestar que tirassem o Japão daquele aperto? Que esperavam os japoneses dos portugueses?

“Ajudá-lo-ei no que estiver ao meu alcance”, disse, para logo emendar e introduzir uma cláusula de exceção. “Desde que a

vossa solicitação não entre em conflito com os nossos deveres de neutralidade, bem entendido.”

Os olhos do japonês percorreram a marginal que se desenhava ao longo da linha de costa junto à Praia Grande e detiveram-se nos aterros que haviam tapado parte da baía, alterando o seu traçado original e estabelecendo uma vasta superfície plana que terminava nos aterros para o Porto Exterior.

“Timor.”

A palavra foi pronunciada de forma tão abrupta que o governador não a entendeu no primeiro instante, e quando por fim apreendeu o que ele dissera não percebeu o seu alcance.

“Perdão?”

“Como o senhor não ignora, foram descobertas importantes reservas petrolíferas na vossa colónia de Timor. Gostaríamos que fosse entregue ao Japão uma concessão para explorar esse petróleo.”

O pedido foi formulado em voz baixa mas atingiu Artur com a força de um murro, tal a sensibilidade do tema. Apanhado de surpresa, o governador vacilou e recuou um passo para recuperar o equilíbrio. Havia de facto petróleo em Timor, lembrou-se nesse instante. Uma boa quantidade, ao que parecia. Isso conferia àquela colónia portuguesa uma inesperada importância estratégica. Concentrou-se de novo nas palavras do interlocutor e relacionou as descobertas com as necessidades urgentes do Japão à luz do embargo americano. Tudo se tornava evidente. Mas o pedido do chefe do Kempeitai seria mesmo um pedido ou constituía na verdade uma ameaça encapotada? Uma vez que o coronel Sawa não desmentira a intenção de tomarem as Índias Orientais Holandesas para furar o embargo petrolífero, estariam os japoneses a contemplar a possibilidade de também invadirem Timor? Uma coisa dessas seria um desastre, percebeu intuitivamente. Arrastaria Portugal para a guerra e implicaria o fim de Macau. A ameaça era mais real do que inicialmente suspeitara e a catástrofe pareceu-lhe de repente iminente, como se pudesse acontecer já no dia seguinte.

“Uma decisão dessas, como decerto compreenderá, não depende de mim”, retorquiu quase num sussurro, falando devagar para

medir as suas palavras dada a extrema sensibilidade do assunto. “Será o meu governo em Lisboa que se pronunciará.”

“Estou ciente disso. De resto, fui informado de que o governo de sua majestade imperial está neste momento de suprema gravidade para a nossa sagrada nação a contactar o vosso embaixador em Tóquio para lhe transmitir o nosso pedido. É esse o canal normal.”

“Então o que espera de mim?”

Os olhos rasgados do japonês adquiriram uma estranha intensidade, como se reforçassem as palavras que se preparava para enunciar.

“Gostaríamos que fizesse ver ao seu governo quão crucial é para Macau que essa concessão petrolífera em Timor nos seja entregue. Portugal diz-se uma nação amiga do Japão, não é verdade? Pois está na hora de mostrar em atos o que até agora só enunciou por palavras.”

Artur pigarreou.

“Oiça, coronel Sawa, Portugal é uma nação amiga do Japão, disso não pode ter dúvidas. As nossas relações são antigas, como sabe. Fomos os primeiros europeus a chegar ao vosso país, construímos cidades como Nagasáqui, introduzimos invenções europeias no Japão e influenciámos a vossa cultura. Muitas das vossas palavras são na verdade portuguesas e nós próprios temos palavras japonesas na nossa língua. Mas não se esqueça que Portugal é também uma nação amiga da China e de Inglaterra, países com os quais temos igualmente uma velha relação histórica. Nenhum amigo nos pode pedir que atuemos contra outro amigo, em particular quando os nossos amigos estão em conflito entre si.”

“Nós também somos amigos da China. Se entrámos neste país foi para o libertar dos capitalistas estrangeiros e da escumalha que o anda a destruir. Se não formos nós, quem travará os capitalistas e os comunistas, que só defendem os interesses nacionalistas da Rússia? Chiang Kai-shek?” Abanou a cabeça. “*Oya*, nem pensar! Esse nem conseguiu travar a criação de soviets na China, o incapaz. É o Japão que está a salvar a China!”

“Pois, não discuto”, limitou-se Artur a dizer. “O importante é que entenda que somos um país neutral nesta guerra. Não podemos ajudar uns contra os outros, se é que me faço entender.”

“Entendo perfeitamente”, assentiu o japonês. “Mas sei que a Austrália também se candidatou a essa concessão petrolífera em Timor. Não a vão entregar à Austrália em detrimento do Japão, pois não?”

Tratava-se de uma excelente pergunta, percebeu o governador.

“Quer dizer... uh...”, atrapalhou-se, sem saber como responder. “Enfim, trata-se, como lhe disse, de uma decisão que terá de ser tomada em Lisboa. Não posso responder pelo meu governo, como é evidente. Terei de comunicar o que o senhor coronel me disse agora e solicitar instruções e... e...”

“Então contacte o seu governo”, sugeriu o chefe do Kempeitai. “E, se fosse a si, sublinhava junto do seu presidente do Conselho a importância de nos fazer prova da tão propalada amizade de Portugal para com o Japão. Caso contrário veremos que tudo não passa de palavras bonitas mas ocas e tiraremos as devidas conclusões.” Fez um gesto largo a indicar a baía da Praia Grande. “Se isso acontecer, toda esta cidade em breve será nossa.”

Os dentes de Artur rangeram ao escutar estas palavras.

“Isso é uma ameaça?”

O coronel Sawa deu meia volta e recomeçou a caminhar em passo firme em direção à vivenda, dando aquela conversa por terminada. A meio do percurso parou e olhou para trás.

“É um conselho de bom amigo.”

Com as cortinas corridas, a sombra abateu-se sobre o salão. Artur e o capitão Tavares acomodaram-se entre os militares japoneses e aguardaram o início do espetáculo prometido pelo coronel Sawa. Dois músicos chineses entraram descalços na sala com os seus instrumentos e acocoraram-se sobre uma esteira de bambu que estenderam no chão. Fez-se um silêncio absoluto.

Uma rapariga deslizou para o centro em passos muito curtos, como se tivesse as pernas presas pela saia apertada; vinha envolvida num complicado vestido de seda escarlata e com a cara

tapada por um leque. Os japoneses aplaudiram. Logo que a ovação morreu, soaram os primeiros acordes dos instrumentos.

A rapariga abriu o leque e começou a cantar.

*“Nà nán feng chui lái qingliáng
Nà yèying ti sheng qichuàng
Yuè xià de hua er dou rumèng
Zhiyou nà yèlái xiàng
Tuluzhe fenfang*

*Wo ai zhe yèsè mángmáng
Ye àizhe yèying gechàng
Gèng ài nà hua yiban de mèng
Yongbàozhe yèlái xiàng
Wenche yèlái xiàng”*

A rapariga era bela e tinha uma voz doce e encantadora, mas o que mais chamou a atenção de Artur foram os olhos. Havia algo de pouco comum naqueles olhos; sob os efeitos da maquilhagem dir-se-ia mesmo serem azuis, hipótese evidentemente absurda. Sentiu-se enfeitado pela cantora, mas de repente apercebeu-se de que o coronel Sawa o observava e forçou um bocejo para ocultar o interesse.

“O que canta ela?”, perguntou num sussurro, inclinando-se para o lado. “É uma canção de amor?”

“A canção chama-se *Yèlái Xiàng*, ou *Fragrância da Noite*”, retorquiu o chefe do Kempeitai. “Fala de rouxinóis que cantam e de flores cujo perfume é revelado pela noite, como no caso das onagras, que só se abrem depois do crepúsculo. Um belo poema japonês.”

Esforçando-se por se abstrair da rapariga, Artur concentrou-se nas palavras que ela entoava com infinita ternura.

“Mas ela não está a cantar em japonês...”

“É mandarim”, esclareceu o coronel Sawa. “Esta canção é muito popular na China, não sabia? É cantada por Li Xianglan.” Soltou uma gargalhada baixa. “Os tolos dos chineses pensam que Li Xianglan é chinesa, mas na verdade é japonesa.” Arqueou os

olhos, muito satisfeito com a revelação. “Sabe qual o verdadeiro nome dela? Yamaguchi. Nasceu no Manchukoku, filha de pais japoneses. É a nossa arma secreta para penetrar no coração dos chineses. Grande golpada, hem?”

Depois de *Yèlái Xiang*, a rapariga cantou mais duas canções. A terceira era mais animada e requeria movimentos de dança com maior amplitude. Com a apertada saia de seda escarlate, no entanto, a cantora tinha dificuldade em corresponder às exigências do ritmo da canção e, num passo mais complicado, tropeçou e estatelou-se no chão. Os militares do Kempeitai desataram a rir-se, divertidos com o acidente, mas Artur saltou do seu lugar e, preocupado, precipitou-se sobre ela.

“*Are you alright?*”, perguntou-lhe. “Está bem?”

A cantora virou para ele a cara embaraçada e o governador apercebeu-se, atónito, de que não era a maquilhagem que lhe dava cor aos olhos. A rapariga, apesar de asiática, tinha de facto os olhos azuis. Trancaram por um momento o olhar um no outro, mas foi só um breve instante porque tinham a sala inteira a observá-los. Artur ajudou-a a levantar-se e depressa regressou ao seu lugar, procurando disfarçar a perturbação que ela lhe causara. O facto é que aqueles olhos lhe puseram o coração aos saltos.

Os instrumentos voltaram entretanto a tocar e a rapariga começou a trautear uma nova canção.

*“Méigui méigui zui jiao mei,
Méigui méigui zui yànli zhang
Xià kai zài tóu shàng”*

A meio da melodia, e esforçando-se ainda por esconder o efeito que a cantora produzira nele, Artur inclinou-se para o coronel Sawa.

“Não sabia que havia japonesas de olhos azuis...”

O anfitrião fez um ar admirado.

“A cantora é chinesa, senhor governador.”

“Mas... não me tinha dito que ela era uma japonesa do Manchukoku?”

A admiração transformou-se numa gargalhada.

“Isso é Li Xianglan!”, disse. “Li Xianglan é uma grande estrela na China.” Fez um gesto para a rapariga dos olhos azuis que cantava no meio da sala. “Esta não é Li Xianglan. É Hua, a minha concubina chinesa. Uma não tem nada a ver com a outra.”

“Ah, entendi.”

Uma sombra abateu-se sobre Artur. A rapariga que cantava para eles não era uma simples cantora contratada pelos japoneses para a ocasião, mas alguém que lhe estava absolutamente vedado. Bem que Lobo o tinha avisado para as concubinas do chefe do Kempeitai. Como era possível que uma flor assim estivesse submetida a um bruto como o homem sentado ao lado dele? Assistiu ao resto do espetáculo com um inesperado peso na alma. Só tinha vontade de que tudo terminasse depressa para se despedir e ir-se embora.

Ao fim de alguns minutos, a concubina terminou a canção e fez uma prolongada vénia; havia concluído a sua atuação. Artur aplaudiu com entusiasmo moderado mas o desconsolo que lhe toldava o espírito evaporou-se e um raio de Sol encheu-lhe o coração quando, no momento em que se afastou, a chinesa dos olhos azuis lhe lançou uma miradela intensa, breve mas suficientemente deliberada para lhe fazer perceber que ele também não lhe fora indiferente. Afinal a onagra abriu-se antes do crepúsculo e descobria que o seu perfume era para ele e só para ele.